

# O USO DE “AUTOBIOGRAFIAS TEMÁTICAS” NA HISTÓRIA ORAL

Michela Tuchapesk<sup>1</sup> - Mestre em Educação matemática

## Resumo

*Este artigo apresenta algumas considerações teóricas e práticas a respeito do uso das autobiografias na escolha dos participantes de uma pesquisa, que tem a história oral como método de investigação. A pesquisa em questão trata-se de investigar as interações entre a escola, a família e a Educação Matemática.*

## Abstract

*This article presents some theoretical and practical considerations regarding the use of the autobiographies in the participants' of a research choice that has the oral history as investigation method. The research in subject is investigated the interactions among the school, family and Mathematical Education.*

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte do percurso de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar a relação “Escola-Família-Educação Matemática”.

Neste percurso, dentre os caminhos metodológicos da história oral, evidencio o uso da “autobiografia temática” como forma de conhecer e selecionar os alunos participantes deste estudo. Contudo, na pesquisa em questão, o leitor pode conferir os relatos dos participantes através das entrevistas feitas com seis alunos do 1º ano do ensino médio (estes escolhidos a partir das “autobiografias temáticas”), suas famílias, seus professores de Matemática e os coordenadores da escola. E, ainda conhecer algumas Tendências de Conservação, denotadas pelos discursos que se conservam ao longo dos anos e, Tendências de Mudança indicadas pelos depoimentos que se modificam.

Conseqüentemente, a fim de apresentar especificamente o uso e as contribuições das “autobiografias temáticas” num estudo que tem a história oral como método de investigação mostrarei o significado da autobiografia, do que ela se constitui, para que serve, porque a utilizei na minha metodologia de trabalho, bem como a forma que a conduzi aos sujeitos da minha pesquisa.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS AUTOBIOGRAFIAS

Disposta a observar e entender a relação escola-família-Matemática que se dá numa determinada escola pública estadual da cidade de Rio Claro, vi a necessidade de num primeiro momento entrar em contato com alguns alunos desta escola, já que estes seriam possíveis pontes para uma aproximação *a posteriore* com suas famílias.

Em vista disso, determinei abranger a clientela escolar num todo, já que, segundo minha experiência, há diferenças econômicas, culturais e sociais entre os alunos que estudam nos três períodos escolares. Desta forma, optei por trabalhar com estudantes da manhã, tarde e noite.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Matemática/ Unesp - Rio Claro. Membro do grupo de História Oral e Educação Matemática, o qual é coordenado por Antonio Vicente Marafioti Garnica. Antonio Carlos Carrera de Souza e Carlos Roberto Vianna

Diante disso, a escolha foi necessariamente por alunos do Ensino Médio, visto que os cursos noturnos são em sua maioria destinados a estudantes deste nível de ensino.

No caso, optei trabalhar com os alunos do primeiro ano. E, assim, após um contato presencial com o diretor e os coordenadores, os quais permitiram minha participação para realizar este estudo, conversei com os professores de Matemática e enfim diante da opção dos próprios docentes foi escolhida uma classe de cada período para estar iniciando uma primeira aproximação com estes estudantes.

Diante do grande número de participantes (visto que cada classe tem cerca de trinta a quarenta alunos e pesquisar a relação escola-família-Matemática implicaria considerar os professores, coordenadores, alunos e suas famílias) optei por escolher no máximo dois alunos de cada sala, já que esta escolha me conduzia necessariamente a obter um contato com dezessete participantes (6 alunos, 6 famílias, 3 professores de Matemática e 2 coordenadores escolar). Em vista disso, num primeiro momento a autobiografia surge como forma de escolher estes alunos.

Deste modo, neste momento, apresento algumas considerações sobre o uso das autobiografias, a fim de explicitar através do ponto de vista de alguns autores sua relevância segundo a literatura.

### 3. O QUE É?

Tendo esta pesquisa como método de investigação a história oral, os autores que aqui dissertam sobre as autobiografias, trazem na sua bagagem literária, aspectos específicos do uso da autobiografia nas pesquisas e estudos da história oral. Porém, ressalto que há outras literaturas, fora deste contexto que apresentam considerações sobre as autobiografias, mas estas não serão citadas neste artigo.

Dentro do quadro amplo da história oral há algumas formas de informação captadas oralmente, são elas: a história de vida, as biografias, as entrevistas, os depoimentos orais e as autobiografias, inclusive, segundo Queiroz (1988) todas fornecem material para a pesquisa sociológica, entretanto diferem em sua definição e características.

Ressalto que optei por inicialmente trabalhar com as autobiografias devido suas características, as quais permitem que: o próprio narrador (no caso, o aluno) decida o que vai relatar; dê o encaminhamento que melhor lhe convenha, selecionando e construindo individualmente seu texto; ele próprio ordene e de racionalidade a seus atos e decisões passadas; e ainda implica uma intermediação mínima por parte do pesquisador.

Desta forma, Queiroz (1988) afirma que a autobiografia consiste no narrador narrar sua própria existência, e ainda no seu sentido restrito ela existe sem nenhum pesquisador, o narrador sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita quer seja o gravador. Ele também, por motivos pessoais se dispõe a narrar sua existência e dá o encaminhamento que melhor lhe parece.

O autor ainda ressalta que ao se tratar de um estudo sociológico ou antropológico, o uso da autobiografia se faz no sentido de buscar como se encontram no registro relevante as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade. Inclusive, “não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa” (p.24).

De acordo com Gusdorf *apud* Gattaz (1996), o autor de uma autobiografia tem como tarefa narrar sua própria história, buscando reunir os elementos dispersos de sua vida pessoal a fim de obter uma expressão coerente e total de seu destino.

Aponta, ainda, que numa autobiografia, “a narrativa traz o testemunho de uma pessoa sobre si mesma, o debate de uma existência que dialoga com ela própria, na busca de sua fidelidade mais íntima” (p.527).

Assim, evidencio que, para obter as autobiografias dos alunos, foi necessário num primeiro momento, conversar e expor a eles qual o objetivo da pesquisa, já que era sobre isso que os estudantes deveriam escrever. Porém, ressalto que, feita esta observação, os alunos se colocaram a elaborar sua autobiografia sem a minha intervenção, ou seja, relataram e encaminharam individualmente as questões que consideraram pertinentes ou não.

Conseqüentemente, através destas autobiografias pude conhecer como estão operando as relações dos alunos com a escola e com sua família, o que me propiciou selecionar os textos mais condizentes com as questões que permeiam este estudo.

Em vista disso, ressalto que, tendo esta pesquisa o objetivo de conhecer e entender a relação escola-família-educação matemática tive como pressuposto encaminhar as autobiografias direcionadas a estas questões que permeiam este estudo. Para isso conduzi sua elaboração através de um tema: **A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola**. Assim, venho neste momento nomear estas autobiografias de “**Autobiografias Temáticas**”, já que através delas apresento a vida dos alunos a respeito de um determinado tema do meu interesse.

#### 4. BASTIDORES

A fim de trabalhar com autobiografias, necessariamente precisei conhecer as condições de produção da mesma, ou seja, o quadro social da instituição pesquisada, o meio de origem dos alunos, a escola, o meio social de chegada, para então aplicá-las.

Desta maneira, com intuito do leitor compreender melhor como foi este processo, apresentarei brevemente o contexto da aplicação das autobiografias, o contexto da escola, das classes, a conversa com os professores de Matemática e com os coordenadores escolar.

Assim, minha pesquisa se desenvolveu na escola E. E “Prof. João Batista Leme”, situada cidade de Rio Claro. Como já foi dito anteriormente a opção pela escola se deu pelo fato dela ser estadual, atender o ensino médio e trabalhar nos três períodos, manhã, tarde e noite.

Esta escola possui em média 2.800 alunos, sendo que a maioria cursa o ensino médio, e apenas algumas salas do período da manhã ainda comportam alunos da 8ª série do ensino fundamental<sup>2</sup>. A escola atende alunos de Rio Claro e de Ajapi (distrito afastado 19 Km de Rio Claro). Atualmente lecionam 110 professores entre efetivos e ACTs (professores Admitidos em Caráter Temporário). O espaço físico da escola ocupa um quarteirão, seu prédio possui dois andares com as salas de aula, que são amplas mas pouco conservadas, com janelas quebradas, carteiras antigas distribuídas tradicionalmente em fileiras. O pátio da escola sempre se encontra limpo, latas de lixo são distribuídas por toda o prédio, o mesmo acontece com a higiene dos banheiros. Por atender quase que exclusivamente ao ensino médio, não é oferecido aos alunos merenda escolar, mas há na escola uma cantina para o uso dos alunos, funcionários e professores. A escola possui uma biblioteca que fica aberta durante os intervalos das aulas, e uma sala de informática.

Num primeiro contato com a escola, coloquei minha intenção de pesquisa para o diretor e para a coordenadora, tendo ambos aprovado minha intervenção com a condição de receber um retorno das conclusões da minha pesquisa.

A segunda etapa incluiu um primeiro contato com os professores de Matemática da escola. Para isso pedi permissão à coordenadora para participar de um HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), visto que esta era a forma mais fácil de encontrar todos os professores juntos. Neste encontro, apresentei o meu projeto de pesquisa, ressaltando que os alunos fariam uma “autobiografia temática”, na qual eles iriam relatar sobre sua relação com a Matemática e a relação da sua família com a escola. Ressaltei que a partir das autobiografias iria selecionar dois alunos de cada sala para entrevistar, como também entrevistaria seus pais, o professor de Matemática e os coordenadores da escola. Além disso, explicitiei que gostaria de trabalhar com uma sala de cada período, de modo que estaria abordando em meu estudo, toda a clientela que atualmente frequenta a escola.

Dessa forma, deixei que os professores manifestassem o interesse em disponibilizar a sala para minha pesquisa, e consegui a colaboração de três professores, um de cada período escolar. Em relação à aplicação da autobiografia, foi colocado para estes professores que esta não precisaria ser aplicada necessariamente em uma aula de Matemática, por exemplo, eu

---

<sup>2</sup> Atualmente a tendência das escolas estaduais é atender separadamente aos alunos do ensino fundamental e médio. Porém, para que esta separação não se dê de forma brusca, algumas escolas do ensino médio ainda comportam alunos do último ano do ensino fundamental.

poderia fazê-la numa aula em que determinado professor da sala selecionada faltasse. Mesmo porque, dessa forma, os alunos poderiam se desligar do contexto da aula de Matemática, não se limitando a escrever apenas sobre a sua relação com a Matemática atual e, sim, sobre sua vida escolar.

Em junho de 2002 a turma do 1º ano do ensino médio do período da tarde foi a primeira a escrever a “autobiografia temática”. A autobiografia foi feita na aula de Matemática. Me apresentei aos alunos colocando sucintamente a minha pesquisa, e com a ajuda da professora comecei a distribuir as folhas na qual os alunos iriam escrever.

Nesta folha os alunos teriam que preencher alguns dados como: nome da escola, nome do aluno, nome dos pais ou do(s) responsável(is), endereço residencial e o telefone para contato. Além disso, como já foi dito anteriormente, havia um tema: *A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola*. Este se encontrava como o título da “autobiografia temática” que os alunos deveriam escrever.

Abaixo deste tema havia um pequeno texto para auxiliá-los que dizia: *Escreva sua relação com a matemática, desde o início de sua vida escolar até hoje, incluindo as coisas boas e ruins. Escreva, também, a relação da sua família com a escola. Por exemplo, de que forma ela apóia (ou não) seus estudos: comprando livros, ajudando no dever de casa, participando das reuniões escolares, etc.*

*Obs: Redija com uma boa letra.*

Dessa forma, posso dizer que, por meio deste tema, estabeleci o que os alunos deveriam relatar da sua vida, o que implicou que os alunos escrevessem apenas sobre o tema sugerido. Isto significa que eles não relataram toda sua vida, o que acontece, por exemplo, na história de vida.

Em voz alta fiz a leitura da folha para que os alunos compreendessem melhor a tarefa a ser realizada, enfatizando que deveriam escrever livremente, não se preocupando com os erros de português ou outras regras que norteiam um texto, comentei que as meninas deveriam imaginar que estavam escrevendo em seu diário, e que os meninos escrevessem imaginando que estivessem conversando com um amigo, assim, ressaltai a observação feita abaixo do texto pedindo que escrevessem com uma boa letra para facilitar minha leitura.

Após dez minutos, dois alunos entregaram suas redações. A maioria se limitou a escrever pouco, e quinze minutos antes de acabar a aula todos já haviam entregado suas “autobiografias temáticas”.

Terminei agradecendo a todos e avisando que na primeira semana de agosto estaria de volta para conversar com apenas dois alunos daquela turma, já que não seria possível conversar com todos. Ressaltei que nesta conversa os alunos fariam sobre suas idéias colocadas nas autobiografias e também sobre algumas questões que envolvem minha pesquisa.

No mesmo dia, também em uma aula de Matemática, a turma do 1º ano do ensino médio da noite elaborou as “autobiografias temáticas”.

A autobiografia foi feita após o intervalo. Dessa forma, os alunos demoraram um pouco para entrar na sala e após entrarem também demoraram a voltarem a seus lugares. Novamente me apresentei, situei minha pesquisa de forma breve, mas explicitando detalhadamente a atividade que estaria aplicando a eles.

Enquanto explicava, entreguei as folhas (com a ajuda do professor) na qual os alunos deviam escrever sua autobiografia. Nesta hora, usei o termo: Me escrevam o que vocês sentem pela Matemática, qual o sentimento que vocês têm por ela.

Uma aluna logo respondeu: Sentimento pela Matemática! Eu não tenho sentimento nenhum. (Demonstrando que “odiava”).

Respondi a ela: Pois escreva isto que você sente.

Realizei os mesmos procedimentos da classe anterior, assim como a turma da tarde após uns quinze minutos alguns alunos já entregaram suas autobiografias.

Após alguns dias, voltei à escola para aplicar a autobiografia para o 1º ano do ensino médio do período da manhã. Esta foi aplicada na aula de Português, pois a professora de Matemática se encontrava atrasada em uma atividade que estava aplicando nesta sala. Assim, o professor de Português, marido da professora de Matemática, cedeu sua aula para a aplicação da autobiografia.

Diferente das outras classes, todos os alunos desta turma residem em Ajapi<sup>3</sup>.

Realizei os mesmos procedimentos das turmas anteriores. E, assim como as demais classes, antes da aula terminar todos os alunos já haviam acabado de escrever a autobiografia.

Contudo, uma vez que a análise da autobiografia não fornece base empírica suficiente para se levantar interferências, precisando, portanto, ser completada por material de outra maneira, e visto que o pesquisador quando quer abranger de forma ampla a realidade que estuda necessita de dados colhidos de fontes as mais variadas, deste modo, das 91 autobiografias, decidiu-se selecionar seis, duas de cada período escolar, as quais realizamos entrevistas individuais semi-estruturadas.

Desta forma, tendo em mãos estas “autobiografias temáticas”, partimos para a leitura e escolha das mesmas. O critério de escolha levou em conta àquelas que apresentaram aspectos interessantes da vida cotidiana familiar e escolar; que relataram opiniões relevantes sobre a relação da sua família com a escola; declararam de alguma forma sua relação de “sucesso” ou “fracasso” na aprendizagem de Matemática e principalmente se mostraram interessados em dissertar e conversar sobre o tema sugerido.

Vale lembrar que a construção de documentos (no caso as “autobiografias temáticas”) implica obter uma interpretação destes, como também implica a simples opção de escolha por parte do pesquisador.

## 5. VANTAGENS E ASPECTOS LIMITANTES

Ressalto que a “autobiografia temática” destes alunos me proporcionou algumas vantagens no decorrer do percurso metodológico desta pesquisa. Uma delas foi evitar escolhê-los aleatoriamente, já que a partir da leitura das mesmas pude obter uma primeira aproximação e conhecimento dos possíveis participantes deste estudo, para então selecioná-los.

Além disso, com a finalidade de ampliar minhas informações, as questões colocadas nas entrevistas também surgiram através das autobiografias. Ou seja, além dos alunos responderem a um roteiro geral de perguntas que norteiam este estudo, eles também responderam a um “roteiro personalizado”, o qual continha questões referente às suas colocações na autobiografia.

Em vista disso, a autobiografia também se apresentou como pré-requisito para a entrevista das famílias, já que a partir da leitura das entrevistas feitas com os seis alunos formulamos o roteiro de perguntas aplicado aos pais. Ou seja, formulamos a entrevista dos pais baseados na fala (entrevista) e ainda na escrita (autobiografia) de cada filho.

Este procedimento de obter informações básicas sobre o entrevistado, por meio de leitura ou de outras maneiras, vem de encontro com os estudos de Thompson (1998) que considera este um dos primeiros pontos a ser pensado e realizado para que se possa “definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-los” (p. 254).

Assim, este processo possibilitou formular perguntas que no momento da entrevista com as famílias contribuíram para que aprofundássemos em questões importantes para esta pesquisa, uma vez que já possuímos informações sobre a forma de pensar e agir a respeito da educação escolar dos filhos, bem como o modo que se interagem com a escola.

Portanto, este modo de formular as questões colocadas na entrevista é ressaltado por Thompson (1998) quando cita que deve haver uma elaboração cuidadosa da forma das perguntas, pois “fazer perguntas da melhor maneira é evidentemente importante em toda entrevista” (p. 257).

Inclusive, este procedimento evitou que os questionários base para entrevista ficassem sem “substância”, tendo em vista que estas entrevistas primeiramente se deram com alunos do primeiro ano do ensino médio, ou seja, estudantes de catorze e quinze anos de idade que, nesta

---

<sup>3</sup> Ajapi é um distrito que fica a 19 km da cidade de Rio Claro, a maioria dos seus moradores trabalham nas granjas e nas fábricas de costura. Há apenas uma escola neste distrito, e esta só atende o ensino fundamental. Assim, os alunos interessados em cursar o ensino médio necessariamente têm que estudar nas escolas de Rio Claro. Mesmo sendo pequena, a cidade possui alguns pontos de comércio, postos de bancos e pequenos supermercados.

faixa etária costumam dar respostas breves, as quais poderiam me deixar sem subsídios para efetuar uma compreensão mais detalhada do assunto em questão.

Desta forma, considero que as “autobiografias temáticas” foram muito úteis para obter um primeiro levantamento de questões e de problemas, ao se notar a inexistência de conhecimentos a respeito dos participantes desta pesquisa.

Entretanto, apesar dos textos autobiográficos proporcionarem algumas vantagens, é preciso estar atento para alguns aspectos limitantes deste instrumento.

Por exemplo, autores como Gusdorf *apud* Gattaz (1996) ressaltam que, muitas vezes num texto autobiográfico:

“Os esquecimentos as lacunas e as conformações da memória não são consequência de uma necessidade puramente material resultado do acaso; pelo contrário, provêm de uma opção do escritor que recorda e quer fazer prevalecer determinada versão revisada e corrigida de seu passado, de sua realidade pessoal.” (p. 257)

Além disso, Pereira (2000) indica que a possibilidade de estrutura própria por parte do narrador, impede a intervenção do pesquisador que, se baseada no diálogo permite explorar melhor certos elementos que se tornam lacunares nos textos autobiográficos.

Nesta mesma direção, Howard Becker *apud* Goldenberg (2000) acrescenta que as autobiografias não revelam a totalidade da vida de um indivíduo, mas apenas uma versão selecionada de modo a apresentá-lo como o retrato de si que prefere mostrar aos outros, ignorando o que pode ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para uma pesquisa.

Paralelamente Gusdorf *apud* Gattaz (1996) reforça que as fontes disponíveis nas autobiografias nos informam muito mais sobre os resultados do que sobre os processos, o que nos leva, muitas vezes a explicações simplistas e lineares.

Tendo em vista estas considerações, julgo pertinente afirmar que através das “autobiografias temáticas” os aspectos limitantes citados acima foram vencidos, pois estas foram “completadas” com as entrevistas que cumpriram com a função de desvelar estas condições de lacunas, esquecimentos, processos, entre outros fatores citados acima, e ainda permitiram uma melhor compreensão das questões que abordam a pesquisa em questão.

Com isso, após tecer algumas considerações teóricas e metodológicas a respeito do uso das autobiografias numa pesquisa que tem a história oral com método de investigação, trago neste momento uma breve discussão a respeito dos procedimentos de pesquisa em História Oral e suas aproximações e distanciamentos com a vertente da Pesquisa Qualitativa.

## 6. HISTÓRIA ORAL

Ao observar a História Clássica temos que esta apresenta as verdades que aparecem em todos os discursos. Os historiadores analisam os documentos oficiais e antigos (discurso de pessoas) e as idéias que se coincidem são denominadas verdadeiras e tomadas como História, e os discursos que não coincidirem não são tidos como História.

Tomando a História Clássica como Ciência e adotando como referencial as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos que dão origem a: **História Documental**, a qual possui uma metodologia específica para investigar e estudar a história dos documentos e dos mortos, podemos ainda dizer que seus fatos são cristalizados e que os sujeitos foram de algum modo importantes social ou politicamente; **História Monumental**, a qual também utiliza uma metodologia própria que apresenta estudos voltados à análise de monumentos; e a **História Oral** que diante de uma metodologia específica se difere tanto da documental quanto da monumental, pois se apóia na criação de documentos orais de pessoas.

Além disso, a história oral permiti o acesso à experiência não documentada, como por exemplo, as histórias dos líderes, bem como dos marginalizados representados por Thompson (2000) como “trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos”.(p.51). Com isso ela possibilita explorar aspectos da experiência

histórica que raramente são registrados, ou seja, ela pode evidenciar os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais de eventos passados, já que seus historiadores buscam evocar reminiscências e entendimentos anteriormente silenciados ou ignorados.

Assim, diferentemente da História Clássica a História Oral busca apresentar as perspectivas de cada depoente, mostra tudo o que os sujeitos dizem a respeito do tema sugerido, inclusive as idiosincrasias, os lapsos, as reminiscências etc.

Com efeito, se a história traçada por Marx é uma história econômica, onde o sujeito era inserido num grupo econômico e denominado, por exemplo, aristocrata, pebleu, burguês etc, ou seja, sua proposta não levava em conta o indivíduo em particular. Contrariamente, a história oral busca apresentar o inverso da história de Marx, pois ela dá ênfase na história particular de cada um. Além disso, ela não pretende apresentar uma história só de heróis, mas sim a história de todos sujeitos, como “crianças, analfabetos, pessoas comuns, presos políticos, militares de esquerda, doentes”. (MEIHY, 2000, p. 96).

Com efeito, ressalto que, se Ariès (1980) ao definir história se apoiava em tempos longos, visto que ao mostrar uma abordagem da história que preza a mudança e a diferença, implicava uma investigação que se acentuava no movimento que, naquela época, era tão lento que mal se via, pois esse tempo comparado a hoje era muito mais demorado. Atualmente, podemos dizer que o tempo passa mais rápido. Por exemplo, o que há três anos era inviável hoje já é comum, uma vez que a tecnologia presente vem acelerando esses processos e tudo se movimenta mais rapidamente, fato esse que não acontecia no tempo histórico de Ariès.

Notamos que o tempo é fundamental na história, fato que nos chamou atenção, uma vez que pesquisamos a vida escolar de adolescentes de 14 e 15 anos de idade. Assim questionávamos se era possível fazer história com sujeitos que vivenciaram um pequeno intervalo de tempo. Porém, fomos contemplados com os estudos de autores como Meihy (2000) e Thompson (1988) que em suas obras apresentam relatos e considerações de pesquisas de história oral feitas com crianças e jovens.

Meihy (2000), em seus estudos, ressalta a importância da história oral como tom político, a medida em que ela dá o direito a voz àqueles que não são ouvidos e que deveriam ser, já que para o autor esta é a única forma de proporcionarmos uma mudança política a começar por nos ajudar a entender melhor a nossa própria sociedade.

Além disso, o autor prezando a democracia através do direito a voz a todos os sujeitos, aponta a importância dos estudos e pesquisas em história oral reafirmarem as identidades dos Grupos minoritários. Como, por exemplo, algumas pesquisas em Educação Matemática concluídas (OLIVEIRA, 1997; SOUZA, 1999, VIANNA, 2000; TEIXEIRA, 2000; LANDO, 2002; GUÉRIOS 2002, BARALDI, 2003) e em andamento<sup>4</sup> procuram fazer ao apresentarem o discurso de professores de Matemática, alunos e outros membros da escola e da sociedade.

Paralelamente, de acordo com Souza (2004) podemos utilizar a história oral para recuperar memórias e práticas de professores de Matemática.

Consideramos que esse fato se deve, fundamentalmente, ao reconhecimento de que o conhecimento do sujeito é ‘em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo’. Desta forma, o conceito de “verdade histórica” passa a ter a dimensão distinta daquela usualmente utilizada por historiadores tradicionais, pois tal qual o sujeito do conhecimento, passa a ser também fragmentada, transversal e construída a partir de uma certa paisagem. Logo, a “verdade” só se apresenta a partir de uma enunciação em perspectiva de um sujeito. Assim, sujeitos da história, como os professores de Matemática, enunciam suas verdades, perspectivas, olhares, memória, cenários e paisagens, discutindo práticas docentes que constituíram sua identidade profissional. (SOUZA, 2004, p. 138. Grifos do autor.)

Com isso, podemos dizer que as autobiografias também podem ajudar o historiador oral, inicialmente, a recuperar as fragmentações, suturas, perspectivas dos sujeitos para depois este poder começar a (re)construir a história dos sujeitos através dos tempos. Por exemplo, no artigo em questão, as autobiografias recuperaram os pedaços, as fragmentações dos alunos, das

---

<sup>4</sup> Mestrandos e Doutorandos do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática.

famílias, da escola, da matemática, para posteriormente, através dos questionários “personalizados” construirmos a história deles.

Contudo, denomino a história oral como um método de investigação visto que para mim apontá-la como uma metodologia de pesquisa, tendo em vista responder a uma pergunta diretriz, implica na redução do seu potencial. Uma vez que as pesquisas em história oral costumam apresentar temas abrangentes, os quais não têm sentido serem condicionados a uma pergunta, pois isto seria até uma forma de analisar o depoente. Visto que, para responder uma pergunta temos que entrar no depoimento dos entrevistados e julgá-los, ou seja, o pesquisador não consegue fugir da análise do discurso dos participantes.

Vale lembrar que a análise não é o mais importante nos trabalhos de história oral, pois quando entramos em contato com a história destas vidas torna-se antiético analisá-las. Entretanto, outro pesquisador pode se apropriar destes depoimentos e aí então analisá-los. Com isso a história oral foge dos moldes fenomenológicos onde se deve responder uma pergunta e analisar o depoimento.

Portanto, considero que a pesquisa que sustenta este artigo tem como método de investigação a história oral não porque utilizamos as autobiografias, ou usamos gravador e transcrevemos as entrevistas (mesmo porque alguns destes métodos são apresentados na maioria das pesquisas qualitativas em educação matemática), mas porque estamos respeitando o tempo e o sujeito.

**Palavras chaves:** Autobiografia, História Oral, Educação Matemática.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ARIÈS. P. *Uma Nova Educação do Olhar. In: História e Nova História*. 3ª ed. Ed.Brasiliense, Trad. Carlos da Veiga Ferreira. 1980.
- BARALDI, I.M. *Retraços da Educação Matemática na Região De Bauru (SP): uma história em construção*. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Rio Claro - Unesp.
- GATTAZ, A.C. *Braços da Resistência uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã V. M. Editora e Gráfica LTDA, 1ª Ed.,1996.
- GOLDENBERG, M., *A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- GUÉRIOS, E. C. *Espaços Oficiais e Intersticiais da Formação Docente: histórias de um grupo de professores na área de Ciências e Matemática*. 2002. Tese (Doutorando em Educação) – Faculdade de Educação – Unicamp - Campinas.
- MEIHY, J. C. S. B., *Desafios da História Oral Latino Americana: o caso do Brasil*, In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (ORGS). *História Oral: desafios para o século XXI*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.
- PEREIRA, L.M.L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias in *História Oral*, 3, 2000, p.117-27.
- OLIVEIRA, M.A. G. *O ensino de álgebra elementar: depoimentos e reflexões daqueles que vêm fazendo sua história*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Unicamp.
- QUEIROZ, M.I.P. Relatos Oraís: Do “indizível” ao “Dizível”. In: SIMSON. O.M.V.de. (Org), *Experimentos com histórias de vida*. Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- SOUZA, A. C. C. de, *O sujeito da Paisagem: Teias de Poder, Táticas e Estratégias em Educação Matemática e Educação Ambiental*. In: *Educação Matemática: pesquisa em movimento/ Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Marcelo de Carvalho Borba*. –São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUZA, G.L. D. *Três décadas de educação matemática: um Estudo de caso da Baixada Santista no período de 1953-1980*. Dissertação de Mestrado – Rio Claro: PGEM/Unesp,1999.
- TEIXEIRA, A.M.R. *A sinfonia dos números: Maria Fialho Crusius – uma vida dedicada À Educação Matemática na UPF*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Passo Fundo.



THOMPSON, P. *A Voz do Passado, História Oral*. São Paulo: Paz e Terra AS, 1998, 2ª Ed.  
[Trad. Lólio Lourenço de Oliveira].

Michela Tuchapesk  
E-mail: [mtucha@yahoo.com.br](mailto:mtucha@yahoo.com.br)